Jornal defensor dos interesses de Guimarães e o de maior tiragem e expansão no Concelho.

Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 911
GUIMARÃES, 17 de Julho de 1949
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

CONTRASTES!...

Sem a nota de polémica

«*Notas Oficiosas*», artigo a que foi dado o lugar de honra do último número do «Notícias», merece algumas considerações da nossa parte. Depois de o lermos com a habitual atenção de quem não costuma proceder levianamente, chegamos a constatar que o seu Autor o arquitectou sob os *signos* de três fases diferentes, isto é, *Calmaria, Nebulosidade* e *Tempestade*! Dentro desta ordem de ideias, vamos tentar dizer alguma coisa da nossa justiça, a fim de que o Tribunal da opinião pública melhor nos possa julgar.

Primeira Fase: Ocupa-se o ilustre articulista da falta de água nas Escolas Centrais, frequentadas por cerca de mil crianças de ambos os sexos, perguntando por onde pára essa água e apontando o processo de se poder averiguar qual o seu destino. Merecem a devida reflexão as suas considerações a tal respeito, pois que essa falta não só poderá provocar graves consequências sob o ponto de vista higiénico, como também prejudica imenso o rendimento do quintal da Cantina anexa às mesmas Escolas, o qual, sem ela, quase nada produz, sobretudo em anos de grande estiagem, como, infelizmente, sucede no ano corrente. Este assunto já foi tratatado por nós, há bastante tempo, e de tal forma ficamos satisfeitos que nos convencemos de que ele seria resolvido. Porém foi mais uma ilusão das muitas que temos tido, porque a água privativa das referidas Escolas continua por parte incerta e, portanto, o seu desaparecimento continua a constituir um mistério que é preciso desvendar.

São essas, segundo nos consta, as providências que vão ser tomadas pela Câmara Municipal. Como se verifica, este caso não nos tinha passado despercebido.

Segunda Fase: Classificamos esta fase de «nebulosidade» porque, de facto, pairou sobre a nossa local «**O seu a seu dono**», «Notícias» de 26 do mês findo, uma camada de nevoeiro que tentou prejudicar o sentido da nossa intenção. Nós nunca estivemos interessados na discussão da expressão «*Nota Oficiosa*», mas apenas desejamos salientar que o nosso «Esclarecimento», «Notícias» de 5 do mês passado, não foi fornecido aos leitores deste Jornal a título de qualquer sugestão do Ex.mo Presidente da Câmara, mas sòmente a título do cumprimento de um dever nosso, atendendo a que havíamos feito umas referências, com as quais a nossa consciência não ficaria tranquila, se não as rectificássemos. Por isso, tudo dimanou da nossa consciência e da nossa lealdade. O facto de se supor que o Ex.mo Presidente da Câmara sabia, ao falar-nos, que «*estava a comunicar, por nosso intermédio, com o público*», não é o bastante para se chegar a uma certeza. O mesmo articulista argumenta com essa sua impressão, assim como com a de que nos apresentamos a s. ex.ª como cronista do N. de G. Garantimos, sob nossa palavra de honra, que não temos elementos que nos levem a afirmar que a citada Autoridade saiba quem é o autor dos «Contrastes». E de resto, também M. não sabe quem é X., conforme o acentua no seu último Artigo, quando diz: «*Não sabemos, nem queremos saber, quem é X*». Ainda sobre os significados que nos forneceu de «*Nota Oficiosa*», agradecemos a boa vontade de nos elucidar, mas não seria necessário perder tempo com isso, porque, apesar de termos uma bagagem intelectual muito pobrezinha, não nos consideramos na última escala da ignorância. E agora, para concluir, vamos à *Terceira Fase*, esta, sem dúvida, uma espécie de tempestade que muito nos impressionou pela natureza das divagações feitas a propósito do Plano de Urbanização. Igualmente não poderíamos deixar de estranhar a atitude de M., comparando o que disse no seu artigo «Louvável Orientação», «Notícias» do passado dia 19, com o que afirma no Artigo a que estamos a responder. Naquele, disse o seguinte: «*Os vimaranenses não desejam que lhes seja outorgado um Plano de Urbanização; gostariam, com certeza, de tomar conhecimento dele enquanto é projecto, de o estudar, aplaudir ou criticar, apresentando as deficiências ou defeitos que se lhes afigurasse nele existirem; e a Câmara só teria a aproveitar com a manifestação dos diferentes critérios que, porventura, surgissem, para depois de atentamente os ponderar e sujeitar ao estudo dos técnicos, tomar uma decisão, que, em tais condições, seria, naturalmente, mais justa e conforme a maneira de sentir do povo vimaranense.....*»

No seu último artigo — e porque nós tínhamos escrito que «*nem a Câmara nem o Conselho Municipal deixariam de prestar a esse assunto a atenção que o mesmo requeria e que não tomariam qualquer decisão sem a indispensável colaboração de pessoas idóneas, ou melhor, de técnicos dessa especialidade*» — diz: «*Então a Câmara não teve o cuidado de escolher para a elaboração do Plano, técnicos competentes? Vai agora submeter o Plano a outros oficiais do mesmo ofício? Para que serve, então, a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização?*»

Não fazemos comentários e, quanto à restante matéria desta *fase*, esperamos que o ilustre Autor das «Notas Oficiosas» se convença de que, assim como fez justiça à nossa lealdade a deverá fazer também à nossa ponderação e ao fim com que temos colaborado neste Jornal, desde o início da sua publicação; só lamentamos que a nossa falta de saúde — mais do que qualquer outra causa — nos obrigue a abandonar essa colaboração, o que, aliás, nada prejudicará os interesses de Guimarães.

X.

O POEMA MAIOR DOS DESGRAÇADOS

Eu quisera ir com eles na traineira
A' pesca da sardinha pra o mar largo...
Comer do seu conduto com lazeira,
Beber do seu cabaço o vinho amargo...

Eu quisera ir com eles mar em fora
A praguejar às ondas e procelas...
Acordar as manhãs à luz da aurora,
Depois de se apagarem as estrelas...

Eu quisera ajudá-los a lançar
Suas redes de malhas miudinhas...
Depois extasiar o meu olhar
Na recolha da prata das sardinhas...

Eu quisera assistir a um vendaval
Com rajadas de ventos, furacões...
Ter a coragem forte de Cabral,
Ter o arrojo heróico de Camões...

Quisera ouvir o mar em altos brados
E ter, sentado à ré, a inspiração
Do Poema Maior dos Desgraçados
Que vão buscar ao mar o negro pão...

Eu quisera ir com eles, longe, longe,
E ver onde o mar finda... onde começa...
Quisera ir descalço como um monge,
De carapuça verde na cabeça...

Julho de 1949.

DELFIM DE GUIMARÃES.

CRECHE? INFANTÁRIO?

Parece definitivamente arrumado este assunto que o cronista dos «Contrastes» tão criteriosamente levantou.

Esperei, mas em vão, que voz mais autorizada que a minha descesse à liça em defesa de termo mais próprio e sobretudo mais português, mas como tal não sucedeu, vejo-me obrigada, quase como quem mete foice em seara alheia, a vir sugerir duas palavras que se me antolham muito próprias — e a algumas pessoas de esclarecido espírito com quem conversei — para tal substituição: ninho ou abrigo.

«Abrigo dos Pequeninos», «Ninho dos Pequeninos». Soa bem aos nossos ouvidos, não acham? Só em dizê-lo parece já que na nossa mente se desenham os desvelos de uma mãe, distribuindo, em igual parcela, os cuidados por todos os seus filhinhos.

Se folhearmos o dicionário, dá-nos ele, sobre a palavra ninho, depois do seu natural significado: «habitação construida pelas aves para a postura dos ovos e criação dos filhinhos» ainda a definição de «abrigo» ou «pátria».

Da palavra abrigo, diz-nos: «agasalho, refúgio, protecção acolhida».

E' ou não de tudo isso que precisam as crianças pobrezinhas? Se é, desenvolvamos, pois, a nossa actividade, protegendo-as e amparando-as debaixo das designações que a nossa língua nos indica, sem andarmos mascarando desnecessàriamente essa sublime obra de caridade com termos que uma onda de mau gosto e até de pouco brio pátrio trouxe até nós.

Quanto a Infantário entendo que pode passar, pois não foi buscar raizes a idioma estranho. Não é, na verdade, termo muito gracioso e desvirtua-o, ainda, a sua semelhança com Infantaria, apesar de o sabermos derivado da palavra infante, mas é preferível esse neologismo a qualquer estrangeirismo de contrabando.

Vejamos, agora, creche. A condená-la, tem já, perante os portugueses zelosos do seu património, a sua origem de estrangeira. Se a nossa língua fosse pobre de vocábulos, teríamos de nos curvar à adopção desse que significa: manjadoura ou presépio; isto no dicionário francês-português que é o que nos dá a tradução integral, porque os dicionários portugueses, embora com a designação de «galicismo», saiem-nos com a explicação daquilo para que a adoptamos: «albergue diurno para crianças».

Manjadoura é, pois, a tradução exacta. Pode essa palavra imprópria lembrar-nos, jamais um lar carinhoso, onde se reunem pequeninos seres humanos, cobertos pela caridade, quais avesitas implumes precisadas de amparo?

Não, mil vezes não!

Procuremos, agora, presépio: curral, estábulo, é o que o dicionário nos explica.

Também essa designação nos não pode servir.

Se Jesus quis, por um exemplo sublime de humildade, dar aos homens orgulhosos e vãos a lição de desprendimento dos bens terrenos e das comodidades materiais, nascendo num desabrigado curral de Belém, nada tem o significado e veneração que de aí ficou a ter para os cristãos o Presépio, onde veio ao Mundo o Salvador, com a escolha do termo, por que será nomeada uma instituição que seja como que um lar para os pequeninos, mas cuja designação seja justa e fiel.

«Refúgio», se chama um internato para meninas que há na minha rua. Casa Mãe se poderia chamar, Lar dos Pequeninos, ou ainda qualquer coisa deste género, mas, quanto a mim, são os termos ninho ou abrigo os mais carinhosos e sugestivos.

No ninho se criam as tenras avesitas — e que são, afinal, senão pardalitos chilreantes esses pequeninos entes precisados, como eles, de alimento, amparo e calor?

Escolhamos, pois, temos tanto por onde...

Não é a mim, humilde obreira da nossa «língua de rosas» no dizer do ilustre poeta Correia de Oliveira, a quem pode competir a última palavra. Que os mestres da língua se pronunciem. Em mim falou apenas o coração e, como sabem, num peito de mulher é sempre ele quem fala mais alto.

Revolto-me contra a palavra «creche» por estranha à nossa língua, como me insurjo contra essa catadupa de Mademoiselles, madames, reveillons, soirées, delivrances, demarches, garden-partys, etc., etc., de que todos os jornais e revistas vêm recheados e que são já de um uso tão corrente que até mesmo os que o condenam dizem, inadvertidamente, uma palavra ou outra.

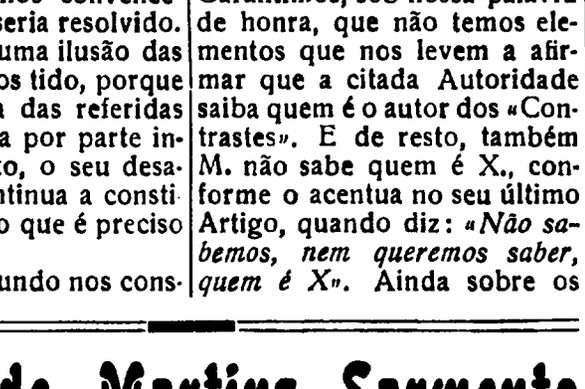
A respeito de estrangeirismos já me tenho pronunciado num conhecido jornal diário do Porto, portanto, reservo para o mesmo a continuação

Sociedade Martins Sarmento

Do prestigioso Presidente da S. M. S., Sr. Coronel Mário Cardoso, recebemos a seguinte carta:

... Sr. Antonino Dias de Castro
... Director do «Notícias de Guimarães»:

Na local que, no último N.º do «Notícias», o meu ... Amigo publicou, a propósito do recomeço das obras do edifício da Sociedade Martins Sarmento, e cujos aplausos agradeço em nome da Direcção desta Colectividade, faltou-lhe acrescentar que, por parte da Sociedade, os trabalhos são dirigidos e fiscalizados *gratuitamente* pelo ilustre Arquitecto-Urbanista Sr. Moreira da Silva, genro do falecido Arquitecto e nosso Consócio Honorário Prof. José Marques da Silva.



Aquele prestigioso Urbanista e sua Ex.ma Esposa, também diplomada com o Curso de Arquitectura, respeitam assim, num gesto de desinteressada e louvável devoção, o acto de benemerência de seu saudoso Sogro e Pai, que dispensou sempre à nossa Sociedade os seus valiosos serviços, sem nunca aceitar a menor remuneração.

Pudessem tão generosos exemplos de simpatia pela nossa Instituição servir de estímulo a todos os vimaranenses em condições de prestarem o seu concurso material à Sociedade Martins Sarmento!

Muito grato lhe ficaria pela publicação destas linhas. Creia-me sempre, com estima, ao seu dispor

Mário Cardoso.

Círculo de Cultura Musical

Fechou e com chave de ouro a actividade do Círculo de Cultura Musical na presente época e se foi este o último alento da sua vida nesta cidade e com este derradeiro arranco morreu a Delegação de Guimarães, podemos dizer que morreu como Galaáz depois da conquista do Santo Graal, — com coragem, bravura e beleza.

«My strength is as the strength of ten».

«Recause my heart is pure».

Lutou até ao fim e se não venceu como o cavaleiro medieval, fica-lhe a consciência de haver tentado tudo para salvar a honra da sua dama, desta amada Guimarães.

Mas que tristeza, meu Deus! Um espectáculo tão cheio de vida, encanto e arte, uma exibição de um dos maiores expoentes da arte musical do nosso Portugal, ansiada por tantas gentes, tão difícil de levar a uma terra e aqui trazido com tanto trabalho, dedicação e sacrifício, na aspiração de dar à sua cidade querida o prazer espiritual e o gosto sensível de ouvir uma artista que o é, e no fim, como paga de todos este carinho, ver a casa quase vazia, com meia dúzia de sócios dedicados e poucas mais pessoas que o não são. Isto é uma desolação e uma vergonha.

A Direcção depôs na mão dos sócios o seu mandato e ainda que o diga com mágua, e a alma trespassada de tristeza, eu dou-lhe razão ao seu

Continua na 4.ª página

As Festas da Cidade

vão ser esplendorosas, mercê de um admirável conjunto de boas vontades

Estamos a pouco mais de quinze dias das nossas Festas da Cidade, as grandiosas Festas que o espírito bairrista da nossa gente preparou e vai realizar com todo o esplendor, mercê do esforço e tenacidade de todas as pessoas que foram chamadas para a organização e do sem número de boas vontades, de carinhoso auxílio, de dedicações sem limites, que se juntaram à sua volta, para que Guimarães uma vez mais saia vitoriosa das *Gualterianas*, que andam ligadas há quase meio século às tradições da nossa Terra.

Dentro de poucos dias, possìvelmente por toda a próxima semana, deve ser publicado o programa geral das Festas — um programa grandioso, atraente, deveras sugestivo, que encerra números que vão por certo atrair a Guimarães muitos milhares de forasteiros.

E dentro de dois ou três dias também deve surgir a anunciar as Festas da Cidade, o policromo cartaz que António Lima pintou e em que uma vez mais nos revelará as suas admiráveis qualidades artísticas.

Sabemos que vai este ano realizar-se, por feliz iniciativa do **CLUB OS 100 À HORA** *o II Rallye a Guimarães — Festas Gualterianas*, numa demonstração de amizade, que não podemos deixar de encarecer, do referido Club e dos dedicados amigos da nossa Terra que lá existem. Deve ter lugar a excelente prova automobilística nos dias 6 e 7 de Agosto, pelo que aos concorrentes será dispensado nesta cidade o mais entusiástico e caloroso acolhimento.

Sabemos que as ornamentações e as iluminações das diversas artérias da cidade devem produzir efeito deveras surpreendente.

Águas passadas...

O ensino dos lavores

As «mestrinhas» e os Colégios, faziam competência às escolas oficiais do sexo feminino. Nas primeiras, ensinava-se a trabalhos de lavores; nas segundas, estava essa disciplina no programa, mas era letra morta. Apenas as meninas que fossem à 4.ª classe teriam, em prova de exame, de apresentar qualquer trabalho ao Juri. Como, porém, a prova não era executada à vista do Juri, o trabalho dos lavores ia feito... por outrém.

Para os pais das meninas, a falta do ensino prático dos lavores na escola, era muitas vezes motivo para preferirem à escola oficial, a «mestrinha». Saber ler e escrever é bom, mas saber o trabalho da agulha, não é pior. E lá se carrilavam à matrícula das «mestrinhas» e colégios, grande número de meninas.

Por que não emendar, estabelecendo nas Escolas Centrais (Santa Luzia) o ensino dos lavores para meninas?

Receberiam bem esta iniciativa as Senhoras Professoras?

* * *

Solicito a uma reunião as referidas Professoras. E digo-lhes:

Convém, para uma maior frequência, estabelecer o ensino prático dos lavores. Propõe-se o Conselho de Assistência Escolar (organismo criado por lei, em 1911) pagar a uma criatura que, a-par das Senhoras Professoras, as ajude na tarefa desse ensino.

Esta iniciativa foi bem acolhida.

Mais se deliberou: transformar uma sala em oficina, reunindo nela, durante uma hora, as meninas de todas as quatro classes. O material didático era: bancas de trabalho, cadeirinhas individuais, uma mesa para corte, e máquina de costura.

A D. Narcisa Moreira, foi a criatura que surgira, em boa hora, para colaborar neste ensino prático.

Um ano depois, era consolador observar como a concorrência de meninas às Escolas centrais havia aumentado.

* * *

Foi em 1923 a grande Exposição Industrial e Agrícola de Guimarães. As meninas das Escolas Centrais também concorreram ao certamen expositivo. O seu *stand* (compreendendo igualmente a colaboração das escolas do concelho) fez sucesso!

Lá havia de tudo; *crochet*, bordados, costura, meia, cersidos, inclusivè, a «manta do gato».

Os membros do Concelho de Assistência Escolar não tinham remuneração. Esta circunstância não explicava aos olhos de certos espíritos utilitários a minha abnegação à sua obra.

Quinta das Aves Delães — *A. L. de Carvalho.*

A CAMISA **EVA**
é já conhecida pelo bom corte, preço e qualidade.

detalhada das minhas considerações, mas em qualquer parte onde se me proporcione o ensejo de falar ou escrever sobre tal assunto nunca me cansarei de afirmar: sendo como somos, possuidores de uma língua rica, exuberante mesmo, de termos e expressões, procuremos uma palavra equivalente a qualquer das intrusas e, sempre que seja possível, substituamo-las.

Para isso será preciso energia, coragem e tenacidade, dir-me-ão. Sem dúvida. Eu não ignoro quão difícil e inglória será essa cruzada que altíssimos espíritos há tanto iniciaram.

Não há muito ainda que a professora do Instituto de Odivelas, Dr.ª D. Carlota de Carvalho, fez nos Fenianos Portuenses, a convite da benemérita Liga de Profilaxia Social, uma conferência notável sobre o título: «A Profilaxia da Língua Portuguesa». Nela, com clarividência e oportunidade, nos desenhou a ilustre conferente o panorama desanimador que se nos apresenta por todo o país com o relaxamento do nosso belo idioma, património que tão bem deveríamos zelar. Não desanimemos, porém, por esse censurável costume estar já tão profundamente enraizado.

Quando sofremos de uma doença, mesmo antiga, para a qual não encontramos ainda remédio, desistimos de o procurar? Claro que não. Buscamo-lo ansiosa e porfiadamente com a certeza que nos havemos de curar. Pois é assim que devemos de proceder neste caso, cuja gravidade é preciso que pesemos e avaliemos.

A comparticipação do Estado deve ser reclamada. A censura, por cujas mãos passam jornais e revistas, devia ter mais esta missão: a de zelar pela integridade da sua língua.

Todos os livros de escolas primárias e superiores devem ser atentamente fiscalizados.

Todos os professores têm de ser exortados a respeitar e incutir nos seus alunos o culto pela língua que falam.

Alguém me disse que existe uma lei que proíbe o emprego de palavras estrangeiras nos registos de baptismo.

Será isso verdade? Se acaso existe, pobre lei, tem sido bem mal cumprida!

Fala-se agora de uma **Creche-Lactário** a criar em Guimarães. Grande e simpática obra se se conseguir que venha a ser uma realidade, do que não duvido.

Em face disto tornam-se as minhas palavras oportunas. E' preciso que essa linda realização não apareça desfeiada com um nome impróprio.

O' homens caridosos da minha terra, criai **Abrigos** ou **Ninhos** para os pequeninos, mas não os encurraleis numa **Creche**!

Galicismos temos já nós demais. E' preciso que Guimarães, a cidade mais portuguesa de Portugal, aquela a quem, no dizer do ilustre homem de letras, Fidelino de Figueiredo, «coube a honra excelsa de ser Pátria da Pátria Portuguesa», seja também a primeira a reagir e a dar o exemplo.

Creche, não e não. Que os portugueses sejam criados à portuguesa e que as palavras estrangeiras sejam relegadas.

Um povo só é grande quando, afundando-se na sua própria estrutura, busca nas raizes do passado a seiva adormecida que o levará a reflorir.

Sejamos portugueses, mas portugueses de lei, e se o formos cumpriremos orgulhosamente o nosso dever, falando com pureza o nosso idioma, um dos mais belos que sob a roda do sol existe.

Zita de Portugal.

Rotary Club de Guimarães

Voltou a reunir, na quarta-feira, o «Rotary Club de Guimarães», sob a presidência do Sr. Leandro Martins Ribeiro, secretariado pelo Sr. Alberto Gomes Alves, achando-se presente elevado número de companheiros, a quem o Sr. Presidente dirigiu palavras de saudação ao iniciar-se a sessão.

Seguidamente, o Sr. Presidente expôs diversos assuntos e comunicou que na próxima sessão será empossada a nova Direcção do Club e bem assim as Comissões ùltimamente eleitas.

Procedeu-se, depois, à leitura do expediente, após o que usaram da palavra para «actualidades», os Srs. Dr. José Gonçalves, Leandro Martins Ribeiro, Armindo Corais e António de Sousa Lima.

A quête, a que se procedeu na sessão, rendeu 145$50.

A sessão foi encerrada pelo Sr. Presidente.

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . .	2.185$00
Para uma cancerosa pobre, do Sr. António José Ribeiro, do Porto, sufragando a alma de sua Esposa (*a*)	100$00
A transportar . . .	2.285$00

(*a*) Entregámos a uma doente nas condições indicadas, e agradecemos em seu nome.

A morte de um grande Pedagogo

Dr. David de Oliveira

No dia do seu funeral, recordávamos, em saudosa conversa, com alguns dos amigos mais dedicados que, comigo, e no cumprimento dum sagrado dever, o haviam acompanhado à sua derradeira morada do *Cemitério Pòveiro*, as superiores virtudes e excepcionais qualidades do ilustre pedagogo e íntegro cidadão que, relativamente novo, deixara de pertencer ao mundo dos vivos e abandonara o convivio de todos quantos tiveram a felicidade de privar com a beleza da sua alma.

Falou-se, então, na sua enorme dedicação pelos seus entes queridos, na sua irrepreensível modéstia, na firmeza dos seus princípios, no estoicismo com que soube encarar a morte — e basta dizer-se que o *Dr. David de Oliveira* se macerava no seu sofrimento atroz com a certeza de que penava sem ter praticado mal algum —, e, outro-sim, incensaram-se os seus raros dotes de Mestre insigne, que o soube ser, mercê da sua irresistível vocação e admirável iniciativa.

Conhecemo-lo quando, transferido para o quadro do professorado do nosso Liceu e nomeado seu novo Reitor, há uns bons trinta anos, ensaiavamos os nossos primeiros passos na pedagogia do ensino livre e nos obstinavamos levar, vida em fora, o nosso concurso aos mestres que, nesse mesmo Liceu, nos haviam ensinado.

Sem pretender-se encobrir a penúria dos nossos recursos de professor ou conseguir obter, sequer, as boas graças do recém-nomeado Reitor que, nos seus sorrisos de bondade e clemência se mostrava igual na acção disciplinar exercida pelo Mestre José Luís de Pina, como nos apraz registar aqui a boa cooperação recebida dos outros reitores, os Ex.mos Srs. Drs. Oliveira e Sá, Soares de Oliveira, António de Jesus Gonçalves, José Francisco dos Santos, Feliciano Ramos, Martinho Cândido Pires e do actual Reitor, Dr. Joaquim Almeida da Costa — de quem nunca nos abeirámos a não ser para esclarecimentos e conselhos sobre assuntos que interessavam à boa exequibilidade das sucessivas reformas sofridas nos últimos anos e ditadas pelo Ministério da Educação Nacional —, sempre lutámos pelo prestígio do ensino e nunca por nunca desanimámos — no dizer do Vice-Reitor, Dr. Aventino de Faria —, no combate travado em prol da instrução, demais sabendo se que aos chamados «explicadores» vinha cair à mão a pior massa do *rebutalho* existente nos estabelecimentos de ensino.

E, assim, em conversas longas e demoradas, muitas vezes nos foi permitida a licenciosidade de discutir com os supremos orientadores do ensino secundário vimaranense as *regras* e *ditâmes* a imporem-se como mais convenientes aos alunos das várias gerações.

Discernia-se em locubrações de pensamentos das causas e efeitos das surpresas apresentadas pela nova civilização — o cinema, o *foot-ball* e as distracções várias que preocupavam o espírito dos alunos; avaliava-se o peso horário das disposições escolares e as suas inconveniências; e criticava-se a preocupação dos conselhos encarregados da elaboração dos programas liceais no que tocava a cheiro de sabedoria e supremacia disciplinar.

Foi numa destas conversas, e sem requerenças de alto valor pedagógico, que o saudoso *Dr. David de Oliveira* se mostrou em todo o seu real valor e me soube fazer compreender do que é capaz a missão pedagógica dos mestres portugueses, desde que não enverede por caminhos avessos à sua função primordial de bem espalhar ideias gerais.

Dizia-nos ele, o Mestre: — *«Veja o que se passa no campo da disciplina da «História». Enquanto os autores dos livros didáticos teimam em fazer fixar datas escusadas, e que só servem para massacrar e sobrecarregar o espírito dos alunos (num propósito em que se pretende deturpar a verdade oferecida pelos documentos históricos), nós outros, aqueles que amam a sua profissão e que sabem encarar friamente os acontecimentos decorridos, não poderão vegetar nas andanças sofridas pela «História» e têm por obrigação condensá-la com extensão e profundidade, de molde que os alunos a compreendam na sua intrinseca função em relação ao espaço e ao tempo.*

E propunha-nos com a sinceridade que era tão sua peculiar: — *Amigo: a «História» ensina-se servindo as civilizações e não os acontecimentos episódicos dum só povo. Para satisfazer tal objectivo, torna-se essencial que o professor oriente o ensino de maneira a concatenar os factos históricos e bem saiba apresentá-los na sua generalidade e coesão.*

Pela parte que me diz respeito, pude achar com reflectimento a estrutura sobre que deve assentar em robustecimento o ensino da «História». O esquema resume a meia dúzia de suas bases fundamentais e por elas se poderá avaliar o quanto este ensino se torna aliviante para o aluno: — 1.º — *Situação geográfica;* 2.º — *Influência do meio ambiente sobre o carácter do povo;* 3.º — *Grandes divisões históricas e sua repercussão política e económica;* 4.º — *Religião e sua influência na moral e nas artes;* 5.º — *Actividades;* e 6.º — *Expansão civilizadora.*

Assim, se exprimia o douto e saudoso Pedagogo que, simplista nos seus claros raciocínios, soube, pelo culto do Bem e da Verdade, honrar a cátedra a que os seus méritos o alçapremaram muito justamente.

L. Coelho.

Presidente da Câmara

A tratar de interesses do concelho tem estado em Lisboa o ilustre Presidente da Câmara Sr. João M. Rodrigues Martins da Costa.

Roupa perdida

Na via pública acharam-se três peças de vestuário, que se entregam a quem provar lhe pertencem e mediante o pagamento deste anúncio. 260

Falar na DOCÉLIA
GUIMARÃES

SAN GALL — A cidade das rendas suiças

A setecentos metros de altitude, sobre um leito de verdura, encontra-se a mais alta cidade da Europa, não longe dos picos agrestes de Cântis e donde a vista se alarga até ao maravilhoso lago de Constança.

Sua fama e seu nome vem de longe, quando a região se via ainda coberta de florestas e ali instalou seu eremitério, em

613, o monge irlandês Gallus que assim criou o embrião do célebre convento de Beneditinos. Todavia, se há muito desapareceram os vestígios do lendário eremita, o espírito culto dos monges da velha abadia acham-se revelados nos numerosos manuscritos e preciosas miniaturas depositadas na famosa biblioteca e na grandiosa catedral, dos mais belos edifícios barocos da Suíça. Toda a velha cidade está dominado pela imponência das suas torres e a sua fachada ao mesmo tempo solene e faustosa está hàbilmente trabalhada com notáveis desenhos de cantaria. Mas a magnificência do seu estilo afirma-se exuberantemente no interior ricamente decorado, onde se reflete o espírito subtil do século XVIII. A famosa biblioteca, cuja sala é uma autêntica preciosidade, no mesmo estilo baroco, está anexa ao convento. Suas paredes estão pintadas de frescos acariciantes, representando os quatro concílios e o tecto de estuque é uma renda de filigrama parecendo bem um dos motivos dos preciosos trabalhos da rendeiras de San Gall. As obras arquivadas nesta biblioteca, cujas portas só podem franquear-se calçando pantufas, como manda a ordem, são um tesouro raro para engodo dos bibliófilos.

Não longe da catedral está-se na cidade velha onde o bulício da vida moderna não conseguiu destronar o ar burguês das suas ruas sossegadas cujos prédios ostentam balcões salientes e decorativos. A chamada porta Carlos é o traço da união com os velhos tempos e foi assim baptizada em lembrança do Cardeal Charles Borromec que a transpôs em 1570 para se dirigir ao convento. Observa-se da cidade uma linda e vasta paisagem, constituindo só por si um centro turístico de primeira ordem, embora San Gall não se encontre nos caminhos habituais do turismo suíço. Como dissemos acima, até onde o olhar alcança avista-se a languidez suave do Lago de Constança, em contraste com as ásperas cristas de Gantis. No parque de Pierre e Paúl, no meio duma larga cerca, abundam largas espécies de caça, como o veado, a camurça, a cabra e o bode montez, autêntica fauna dos Alpes suíços cujo desenvolvimento se acarinha por forma a repovoar as florestas, dando-lhe carácter tìpicamente natural e ao mesmo tempo imprevisto para os visitantes.

San Gall é uma cidade de negociantes e industriais de rendas e tecidos leves, acariciantes e coloridos como a sua paisagem em volta mas muito procurada pelas suas curiosidades convidativas. A sua indústria de rendas é famosa em toda a Suíça, e a sua importância como centro textil é amplamente conhecida.

As rendas e tecidos finíssimos, lenços e outras pequenas e grandes maravilhas fazem desta pequena cidade uma exposição permanente e a prosperidade da região e conquistaram para ali justos louvores pela superioridade do seu fabrico. E' símbolo de cuidada atenção e esmeros em tudo que faz a Escola de Padrões e Tecidos. — Seichnungeschle — espécie de garantia dada aos industriais que ali procuram artífices e os tem competentes, e donde saem comprovadamente mestres em seus ofícios para os quais se exige carinhosa **habilidade**. Pois quem deseje colher em suas andanças por terras da Suíça mais este precioso e curioso aspecto de suas inúmeras actividades não deixará, por certo, de visitar em San Gall, seus monumentos, sua biblioteca, seus arrabaldes acolhedores e a sua notável Escola de Padrões e Tecidos. E só então saberá porque as rendas de San Gall são tão apreciadas e recomendadas para donas e meninas nos arranjos delicados dos seus enxovais e bregais.

Calderon Dinis.

CIRCO ALEGRIA

O CIRCO ALEGRIA que fez a sua estreia nesta cidade na quinta-feira passada, achando-se instalado na Parada dos Bombeiros, agradou inteiramente ao reduzido público que assistiu àquele primeiro espectáculo e que calorosamente palmeou os simpáticos artistas.

A Companhia apresenta alguns números, inteiramente novos e que merecem, realmente, ser apreciados. São verdadeiras atracções alguns desses númeross que nos foi dado apreciar na quinta-feira e que hão-de por certo atrair ao CIRCO ALEGRIA grande número de espectadores, nos poucos espectáculos que a Companhia realizará ainda em Guimarães.

Não exageramos afirmando que o CIRCO ALEGRIA é das melhores coisas que por aqui tem passado, proporcionando-nos espectáculos variados e sugestivos, cheios de emoção e alegria.

Oxalá que o público vimaranense corresponda aos esforços da Empresa que conseguiu trazer-nos alguns artistas de raros méritos.

Se passar na rua de Santo António, repare V. Ex.ª nos artigos que a Casa **EVA** lhe apresenta.

Mágoas!...

PELOS BOMBEIROS...

De novo na nossa Terra.

Os afazeres do dia a dia levaram-nos longe demais para que pudessemos continuar nosso carpir.

Voltamos... e quisemos saber novidades. Pelo café sabiam-se das melhores!...

Alguém, porém, nos mostrou o n.º 120 do «Boletim da Liga dos Bombeiros Portugueses», de Maio de 1948... e melhor ficamos inteirados.

Aí se pode ler:

«Não é novidade para ninguém — julgamos nós — que os Comandantes das Corporações de Bombeiros Voluntários são os seus verdadeiros expoentes e os mais sacrificados pela sua dedicação e acrisolado amor às colectividades onde exercem esses cargos.

Há excepções, bem o sei; mas as excepções demonstram a certeza da regra geral.

Eles têm a responsabilidade do aprumo e compostura dos subordinados; têm a obrigação moral de os conduzir, instruir, guiar e orientar pelo caminho do Bem, da Ordem e da Disciplina; são os responsáveis, perante a Consciência e a opinião pública, da eficiência dos serviços que dirigem, quer no ataque a incêndios, quer nas inundações, derrocadas, epidemias, ciclones, desastres e tantos outros acontecimentos de gravidade e de regulamentação legal; são os responsáveis, perante os superiores hierárquicos, de tudo quanto se passa no âmbito das suas funções e dentro do concelho, área ou zona que lhes pertence; são os responsáveis pelo material, pelo seu uso, pelo seu funcionamento, pelo combustível, pelas saidas, pela distribuição de ferramentas, pelo estado de asseio e de apresentação, — por tudo que se coadune com o exercício da nobre lição que voluntàriamente aceitaram e abraçaram.

Aparte estas responsabilidades, sofrem como os outros Voluntários, as mesmas inclemências — chuvas, ventos, frios, neves, trovoadas; os mesmos precalços — queimaduras, feridas, fracturas, doenças, aleijões; e podem, igualmente, ser vítimas fatais da sua abnegação e altruismo.

Além disto, têm ainda as obrigações burocráticas das matrículas, escalas, ordens de serviço, livros de ponto, relatórios das ocorrências, mapas, correspondências, deveres para com as entidades oficiais — Inspectores de Zonas, Governadores Civis e Câmaras — e mais inspecções, vistorias, etc.

Como vogais natos, fazem parte das Direcções das Associações e, como tal, prestam-lhes a sua colaboração e assistência. E todas estas obrigações e deveres não só não têm qualquer remuneração como ainda lhes acarretam ingratidões, injustiças, dissabores, desgostos, aborrecimentos e desassossegos.

São o fulcro em volta do qual gira o prestígio, o bom nome, o progresso técnico das respectivas Corporações; e, ainda que o não sejam, são sempre *os culpados, os causadores* de todos os deslises sucedidos.

Bem mereciam, portanto, mais carinho, mais respeito, maior consideração, para amparo e estímulo do complexo cargo que desempenham desinteressadamente, apenas em obediência à ideologia que resolveram seguir.

E' evidente que, como seres humanos, nunca podem atingir a perfectibilidade e têm também os seus defeitos. Os defeitos, porém, são tão insignificantes em relação às qualidades e às virtudes da ingrata missão que, assim mesmo, continuam sendo os símbolos dessa Causa a todos os títulos sublime e magnífica.

Numa época, como esta, em que o egoismo campeia e se desenvolve sem temor, em que o materialismo tudo procura avassalar, em que o interesse individual se sobrepõe ao interesse da comunidade, é de pasmar como ainda há quem pratique todos aqueles deveres e todas aquelas obrigações sem qualquer recompensa ou benesse.

.....

Ora todos nós sabemos que as direcções das nossas associações são compostas, na sua grande maioria, por pessoas que... desconhecem o funcionamento especial, a orgânica *sui genesis* a que estão subordinadas, a complicada máquina que terão de dirigir.

Dirigir uma associação de bombeiros voluntários não é o mesmo que dirigir um grupo de futebol...

Nas nossas associações há a tal voluntariedade que é preciso respeitar e acarinhar; há imensas susceptibilidades que é indispensável conhecer e compreender; há funções delicadas que é preciso interpretar e traduzir.

Dum lado está a questão administrativa e do outro a questão técnica.

A primeira pertence à Direcção, a segunda ao Comando.

Quando estas questões se baralham e a Direcção se imiscui nos casos do Comando, ou vice-versa, estalam os conflitos.

Se formos observar *de visu* os conflitos que neste momento assoberbam várias associações, concluiremos fàcilmente que a sua origem se funda naquela intromissão.

As Direcções, supondo que têm competência para tudo resolver, pretendem sobrepor-se ao Comando e daí resultam os equívocos e as más compreensões...

.....

Em determinada altura, o comandante vê-se desprestigiado, desautorizado perante aqueles que comanda, e a disciplina sofre golpes rudes que com muita dificuldade se desvanecem...

Depois, estes factos reflectem-se na vida da própria associação. Nas terras provincianas, principalmente, a repercussão é enorme; o conflito estende-se, alarga-se a todos os sectores; e dentro em pouco formam-se partidos e a vida local anda toda interessada no escândalo.

Há poucas novidades, poucos assuntos, para as conversas dos cafés...; e logo salta a mentira, a calúnia, a deturpação para gáudio dos inúteis e dos que nunca se importaram para nada com o progresso dos bombeiros voluntários.

E o comandante que toda a vida se sacrificou, que arriscou a sua bolsa, a sua saúde e a sua existência, vê os seus actos denegridos e mal avaliados...»

.....

Não foi difícil compreendermos a necessidade absoluta de arrumo nas atribuições, porque, como termina o referido artigo:

«Caso contrário, os conflitos continuarão e serão cada vez mais frequentes, e as deserções, que já começaram, aumentarão a todo o instante, com grave perigo para os respectivos serviços».

.....

Que nos perdoe a modéstia daqueles a quem não queremos ferir e o orgulho daqueles que nem ao de leve quiseramos tocar.

V.

AGRADECIMENTO

Arnaldo de Sousa Guise
e Isabel Maria Guise

Não lhes sendo possível agradecer directamente, por insuficiência de endereços, a seus amigos que se dignaram manifestar o seu pesar pela perda de seu muito querido e estremoso Pai e Sogro Francisco Raimundo de Sousa Guise, vêm por este meio testemunhar os seus profundos reconhecimentos pelas condolências que lhes enviaram.

257

Guimarães, 15 de Julho de 1949.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 10 Madame Jeanne Albertine Souchois Felgueiras, esposa do ilustre Advogado e nosso prezado amigo sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras; no dia 15 a senhora D. Rosa Machado Sousa Guise, esposa do nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise e a sr.ª D. Beatriz das Dores Carvalho da Costa; no dia 18 os nossos bons amigos srs.: Sargento Júlio Mendes, Miguel Teixeira e Américo Carlos Simões; no dia 19 os nossos amigos srs.: José de Oliveira e Manuel Teixeira; no dia 22 os nossos bons amigos srs.: Manuel da Silva Ferreira e António Pádua da Cunha Monteiro; no dia 24 os nossos bons amigos srs.: António Bourbon do Amaral e João M. de Sousa Neves.

Notícias de Guimarães *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

A. L. de Carvalho — *Passa amanhã o aniversário natalício do nosso querido Colaborador e distinto conterrâneo sr. A. L. de Carvalho, que à Cidade de Guimarães tem prestado assinalados serviços e a quem por tal motivo abraçamos, com os melhores votos de muitas prosperidades.*

Partidas e chegadas

Para o Brasil.

Por via aérea regressaram ante-ontem ao Rio de Janeiro, após uma temporada passada nesta cidade onde vieram de visita à família, o nosso querido amigo e estimado conterrâneo sr. João Pedro de Sousa Guise e sua esposa a Senhora D. Rosa Machado Sousa Guise.

Fazemos votos porque tenham feito uma óptima viagem e desejamos a continuação das suas prosperidades.

*

Com sua esposa partiu para Caldelas o nosso bom amigo sr. António Ribeiro da Silva Xavier.

— Regressou de Chaves a sr.ª D. Maria do Carmo F. da Silva Oliveira.

— Partiu para Caldelas o nosso bom amigo sr. Domingos Pereira de Magalhães.

— Tem estado na Póvoa de Varzim a família do nosso bom amigo sr. João Xavier de Carvalho.

— A fazer o seu habitual tratamento tem estado em Vizela o nosso prezado amigo sr. Adriano de Castro, do Pevidém.

— Encontra-se em Ancora a família do nosso bom amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.

— Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso querido amigo sr. P.e Dr. Francisco de Melo, ilustrado Abade de S. Pedro da Raimonda.

— A uso de águas tem estado em Caldelas o nosso bom amigo sr. Alberto Pimenta Machado Júnior.

— Com sua família partiu para a Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Abílio Martins.

— Partiu para Lisboa afim de regressar por via aérea ao Rio de Janeiro o nosso estimado conterrâneo sr. José Ribeiro da Costa Marques.

— Regressou de Vichy, onde esteve em tratamento, o nosso bom amigo e distinto médico-dentista sr. Dr. Alvaro Carvalho.

— Com sua família encontra-se na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Comendador Manuel Ferreira Barbosa.

— Com sua esposa regressou de Vidago o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise.

— Regressou de Vichy, onde esteve a fazer tratamento, o nosso prezado amigo sr. Augusto Pinto Lisboa, industrial no Pevidém.

— Regressou de Lisboa o também nosso bom amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro.

— Acompanhado de sua Esposa encontra-se em tratamento em Caldelas o nosso amigo sr. Alberto de Sousa.

Doentes

Tem estado doente o nosso amigo sr. Manuel Pinto de Carvalho.

— Tem estado doente o nosso bom amigo sr. Sebastião de Freitas.

— Encontra-se melhor dos seus padecimentos o nosso bom amigo sr. José dos Reis Teixeira.

Desejamos o pronto restabelecimento de todos os daentes.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do sr. D. Pedro Paço de Vitorino.

Mãe e filho, bem. Parabéns.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

O funeral do Sr. Dr. David Oliveira

No domingo de manhã realizou-se desta cidade para o Cemitério Municipal da Póvoa de Varzim, o funeral do saudoso professor e antigo Reitor do nosso Liceu Sr. Dr. David Oliveira, tendo-se incorporado no préstito fúnebre muitas dezenas de amigos e admiradores do prestimoso cidadão.

Entre as numerosas pessoas que acompanharam o cadáver vimos: Reitor e professores do Liceu Martins Sarmento; antigos professores e alunos do mesmo Estabelecimento de Ensino; Vice-Reitor e Professores do Liceu Sá de Miranda, de Braga; Direcção do Internato Municipal; Professores da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda; médicos, advogados, oficiais do exército, industriais, comerciantes, funcionários públicos; um piquete de Bombeiros Voluntários, etc., etc.

O Sr. Dr. José Maria de Moura Machado fez-se representar pelo Sr. Dr. Francisco Pinto Rodrigues e o Prof. Sr. Mário de Sousa Meneses pelo nosso Director que também representou o *Notícias de Guimarães.*

No prestito tomaram parte mais de 50 automóveis.

Na Póvoa de Varzim era o feretro aguardado por bastantes pessoas daquela Vila assim como desta Cidade, mas que ali se encontravam acidentalmente.

Sobre a urna que encerrava os restos mortais do bondoso professor foram colocados ramos de formosas flores com sentidas dedicatórias da família e de outras pessoas amigas.

Não se registou no funeral do Dr. David Oliveira a presença de nenhuns alunos dos dois Liceus — de Guimarães e de Braga — onde durante muitos anos consecutivos, até que a doença e a morte o vieram surpreender, o ilustre professor ministrou, paternalmente, tantos e tão valiosos ensinamentos...

D. Augusta Ferreira da Silva Ribeiro

No Porto, na sua residência à Rua Santos Pousada, 465, finou-se há dias esta bondosa Senhora, esposa amantíssima do nosso prezado conterrâneo e amigo e conceituado comerciante na mesma cidade Sr. António José Ribeiro, mãe da Sr.ª D. Maria Emília da Silva Vila Real Ribeiro e do Sr. Eurico Augusto da Silva Ribeiro; filha do Sr. António Teixeira da Silva; irmã dos Srs. Alfredo Teixeira da Silva, Armindo Teixeira da Silva, Alberto Teixeira da Silva e António Teixeira da Silva Júnior; nora do Sr. Jacinto José Ribeiro, conceituado industrial em Guimarães e da Sr.ª D. Maria da Conceição Ribeiro e cunhada das Sr.as D. Arnaldina de Freitas Guimarães e Silva, D. Maria Emília Ribeiro Gonçalves, D. Maria da Luz de Sousa Ribeiro e dos Srs. Alberto José Ribeiro e Manuel Correia Gonçalves.

O cadáver da extinta foi trasladado para a Vila da Lixa, terra da sua naturalidade, onde se efectuou na terça-feira o funeral que esteve bastante concorrido.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

Missa do 30.º dia

Em comemoração do 30.º dia do falecimento do Sr. Francisco Raimundo de Sousa Guise, é celebrado amanhã, às 8 horas, no templo de S. Francisco um terno de missas por sua alma.

Epifânio da Costa Cardoso

Na sua residência em Carramão, freguesia de S. Martinho de Candoso, finou se com 63 anos de idade o estimado proprietário Sr. Epifânio da Costa Cardoso, casado com a Sr.ª D. Ana Marques Rodrigues, irmão das Sr.as D. Conceição da Costa Cardoso, D. Emília da Costa Cardoso e D. Laurinda da Costa Cardoso e cunhado do importante industrial no Pevidém Sr. J. S. Marques Rodrigues e das Srs.as D. Maria de Jesus Marques Rodrigues Cardoso e D. Maria do Carmo Varela Sarmento Rodrigues.

O seu funeral que esteve bastante concorrido efectuou-se na sexta-feira de manhã para o cemitério de S. Martinho de Candoso, tendo-se celebrado na paroquial da mesma freguesia os ofícios fúnebres.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

Diversas Notícias

Deliberações camarárias

A Câmara, em sua última reunião ordinária deliberou entre o mais: aprovar o plano parcial de urbanização — extensão da rede de água; aprovar o projecto de saneamento do Bairro da Federação das Caixas de Previdência, desta cidade, autorizar o pagamento à Sociedade Martins Sarmento, por antecipação do subsídio concedido de 22.500$00; adquirir o retábulo — S. Dâmaso — e o seu acólito, destinado ao Museu Alberto Sampaio a Manuel Pinto dos Santos, desta cidade, pela quantia de 2.500$00.

Escola Industrial e Comercial

Os exames de admissão à Escola Industrial e Comercial têm início no próximo dia 25 de Julho, às 9 horas, devendo todos os examinados apresentar-se com caneta de tinta permanente (ou caneta e tinta), lápis, borracha e papel para rascunhos.

Todos os examinandos são obrigados a comparecer nas provas de exame munidos do bilhete de identidade, sob pena de imediata exclusão.

Manifesto de armas

Pelo Comando da Secção P. S. P. foi pedido a todos os indivíduos portadores de impressos modelo X, com a declaração assinada pelo funcionário da Secretaria da P. S. P., de Braga, António Augusto de Brito Baptista Ribeiro, residente nesta cidade e concelho, e já ouvidos em auto de declarações, acerca dos manifestos das suas armas, a entrega dos mesmos impressos naquele Comando o mais urgentemente possível.

Da Polícia

Gaspar Teixeira, casado, operário fabril, do lugar de S. Roque, freguesia de Santa Marinha da Costa, queixou-se à polícia contra indivíduo desconhecido, por, no dia 9 do corrente, e na sua ausência, lhe terem assaltado a sua residência, levando dali artigos de vestuário, no valor aproximado de 4.000$00.

Incêndio

Na segunda-feira foram pedidos os socorros dos Bombeiros para a freguesia de Ronfe, onde se havia manifestado incêndio num alpendre de uma propriedade pertencente ao Sr. Dr. Francisco Moreira de Sá Tinoco e de que é caseiro Joaquim de Oliveira. No referido alpendre encontravam-se armazenados centeio, batatas, sementes e um carro de lavoura. O incêndio foi provocado por uma faísca, e os bombeiros, que compareceram prontamente, não puderam extingui-lo por não haver água no local.

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao L. do Toural.

Desaparecido

Da casa de seu pai, o agricultor Manuel Lopes, morador no Monte de Trás, lugar da Arcela, desta cidade, desapareceu o menor de 10 anos, António Lopes, que tem o rosto com sinais de bexigas, usa calça de cotim, camisa de estopa e gorra na cabeça.

A' pessoa ou pessoas que conheçam o seu paradeiro pede-se o favor de o comunicarem.

Acidente de viação

O automóvel particular n.º MN 27-86, guiado pelo seu proprietário António Lopes, do lugar da Cruz da Argola, freguesia de Mesão-Frio, deste concelho, atropelou no Largo 28 de Maio, quando pretendia ali estacionar Fernando das Neves Soares, solteiro de 19 anos, engraixador, da Rua de S. Dâmaso, resultando ficar um tanto magoado na perna direita.

Abuso de confiança

A Firma Freitas & Oliveira, representada pelo seu sócio João José de Oliveira, com sede no Largo da República do Brasil, desta cidade, apresentou queixa na polícia contra, Manuel Augusto, solteiro, viajante, residente em Pampilhosa da Serra, por abuso de confiança, no valor aproximado de 6.000$00.

Primeira Comunhão

Na paroquial de S. Pedro de Azurém fez a sua primeira comunhão a menina Maria Ondina, filhinha do nosso prezado amigo Sr Henrique Pires e de sua esposa a Sr.ª D. Aurora Lopes de Sousa Pires.

Foi celebrante o Rev. José Fernandes Ribeiro que na altura própria dirigiu à neo comungante uma brilhante alocução.

Assistiram os pais da gentil menina e pessoas das suas mais íntimas relações.

Chincalhão na Penha

E' hoje que na nossa aprazível montanha da Penha tem lugar o anunciado campeonato de Chincalhão, com prémios para os melhores jogadores, o qual dá motivo a um almoço de confraternização, que costuma decorrer com muita alegria e reune elevado número de convivas.

As Toiradas das "Gualterianas,,

Inicia-se na próxima quinta-feira, na Casa Ferreira da Cunha, no Toural, a venda de bilhetes para as corridas de toiros das Festas Gualterianas, informando-se que não se fazem marcações.

CASAMENTO...
ANIVERSÁRIO...

Um presente de utilidade.
Uma toalha de linho bordada.

Confie no bom gosto da
- Casa EVA -

Jazigo de Capela

VENDE-SE um em muito bom estado e que existe no Cemitério de S. Torcato.

Informa: **Domingos Lopes da Silva**, na Fábrica de Cortumes de Roldes, das 12 às 13 horas.

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e 21,30 horas

JOHN WAYNE - HENRY FONDA - SHIRLEY TEMPLE - PEDRO ARMENDARIZ
em:
FORTE APACHE
Gloriosa epopeia dramática
— de grande espectáculo! —

Terça-feira, 19 — às 21,30

GINO BECHI, o maior barítono da actualidade, em:
O SEGREDO DE D. JOÃO
As mais belas canções num filme lindo como um poema!

Quinta-feira, 21 — às 21,30

D. QUIXOTE DE LA MANCHA
com:
RAFAEL RIVELLES - JUAN CALVO.
A vida e morte do
"Cavaleiro da Triste Figura"

Domingo, 24 — às 15 e 21,30

Para encerramento do Teatro

ERROL FLYNN — ANN SHERIDAN
em:
SANGUE E PRATA
Audacia! Aventuras! Heroísmo!

Festas de S. Cristovão

Realizam-se na Penha, nos dias 23 e 24 do corrente

A classe dos motoristas, desejando dar cumprimento aos votos feitos em beneficiar e engrandecer o culto na Capela do seu Santo Patrono, oferece duas ricas imagens, uma de Nossa Senhora do Mar e outra de N. Senhora do Ar, para nela serem colocadas e para que os seus devotos possam continuadamente prestar o culto devido àquelas que os protegem e ali na formosa Estância da Penha ficam exalçadas.

Vai portanto, na Penha, na Festa a S. Cristóvão ser prestada homenagem condígna das três invocações: Terra, Mar e Ar.

PROGRAMA

Sábado 23, às 8 horas, música e salvas de fogo anunciarão as festas e seguidamente na igreja de S. Dâmaso serão benzidas as Imagens de Nossa Senhora do Mar e de Nossa Senhora do Ar, onde ficarão nesse dia jnntamente com a Imagem de S. Cristóvão à veneração dos fiéis. A' noite, deslumbrante iluminação na Montanha da Penha. A's 21 horas, jantar de confraternização da classe dos motoristas. A's 23 horas, sessão de fogo de artifício.

Domingo 24, às 8 horas, a festa será novamente anunciada com prolongadas salvas de fogo e uma banda de música percorrerá as ruas da cidade, enquanto os sinos repicarão festivamente A's 10,30 horas, será organizado um imponente cortejo de automóveis para acompanhar o carro triunfal que conduzirá as três Imagens, percorrendo o seguinte itinerário: Rua de S. Dâmaso, Largo 28 de Maio, Largo do Toural, Rua de Santo António, Rua de Gil Vicente, Rua de Paio Galvão, Toural, (Poente), Largo 28 de Maio, Rua de S. Dâmaso, Rua Dr. José Sampaio e Penha pela estrada da Costa.

Neste cortejo incorporam-se deputações de motoristas, de marítimos e de aviadores que em representação vêm prestar as suas homenagens. Chegado o cortejo ao alto da Montanha, na Capela será celebrada a missa com alocução, estacionando os automóveis na alameda donde poderão assistir a todos os actos.

Uma vez colocadas as Imagens nos seus lugares, será deitada uma girândola anunciando que ali ficam à veneração dos seus devotos.

De tarde, uma banda de música abrilhantará o arraial e pelas 19 horas sobrevoarão a Penha alguns aviões onde serão lançadas flores sobre a Capela dos Santos Padroeiros.

O Tempo

Depois de um período de calor sufocante, o tempo refrescou e a desejada chuva visitou-nos, embora como que a medo.

Mesmo assim trouxe precioso benefício à agricultura e constituiu lenitivo para os nossos corpos esbrazeados.

Atenção à 4.ª página

CIRCULO de CULTURA MUSICAL

Continuação

gesto. Com os meus agradecimentos de sócio e avaliando a série de desgostos, trabalhos e despesas não conhecidos nem avaliados de quem trabalhou com carinho pela honra e bom nome da sua terra, não posso deixar de compreender a sua resolução.

Mas, francamente, não haverá em Guimarães e nas lindas terras à sua volta, tão ciosas do seu bom nome, sempre prontas em defendê-la em tudo que se prenda com a sua dignidade; numa terra que se presa de possuir gente culta, onde existem dois Museus de nome consagrado, onde se publicam duas Revistas de cultura, onde há poetas e tem havido e há escritores e publicistas como em nenhuma outra da sua categoria, não haverá em Guimarães e seus termos homens de cultura e gosto que possam dispender cento e meio de escudos para sustentar a sua Delegação do C. C. M., como outras terras às quais nos queremos impor?

Não, isto não pode nem deve ser. Esperamos que ainda se acorde a tempo e se vá dar um desagravo à desgostada Direcção demissionária.

Isto tudo nos é sugerido pela beleza do recital de violino de Leonor Alves de Sousa no passado sábado no Teatro Jordão.

Não temos competência para criticar nem cultura musical que nos possa arvorar em censores de quem quer que seja, tanto mais tratando-se de Artistas como as que ouvimos, mas a nossa natural selectividade para os sons, aliada à frequência de concertos ouvidos às mais altas individualidades do mundo musical, apuraram-nos a sensibilidade de modo a podermos dizer se sim ou não gostamos. Gostamos e gostamos francamente e entristece-nos não haver sido este delicioso prazer por muitos compartilhado.

Se tivéssemos pensado antes que havíamos de dizer alguma coisa deste recital, teríamos tomado umas notas que nos vincariam os principais passos da música, mas assim apenas nos ficou uma impressão geral de satisfação que nos acompanhou a boa disposição com que saimos do teatro.

Na primeira Sonata de Beethowen ouvimos o violino um pouco abafado pelo piano, talvez devido à distância em que nos encontrávamos, mas mais provàvelmente aos volumes do piano, de modo a perguntarmos a nós mesmos qual dos dois seria a concertinista. Depois tudo se normalizou.

A Sinfonia Espanhola, pela sua vivacidade e desenvoltura encheu-nos as medidas. Tudo muito bem. No fim, depois de tumultuar de sons e da dança macabra de notas, tangidas e empurradas por aquelas mãos maravilhosas, brindou-nos a ilustre Concertista com um número extra... todo cheio de mimo e poesia e romantismo, despedindo a exígua assistência plenamente satisfeita. O acompanhamento ao piano não desmereceu do concerto, completando-se admiràvelmente as duas artistas uma à outra.

O público cumpriu, aplaudindo cheio de alma.

Deus queira que aquilo não tenha sido o Canto do Cisne.

C.

Vende-se uma casa na Rua de S. Dâmaso. 255

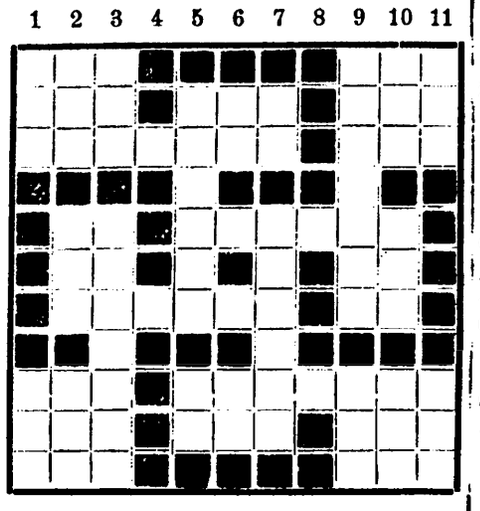
Tratar com João de Lemos — Creixomil.

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

CULTURA E RECREIO

(SECÇÃO DE PASSATEMPOS)

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1) Fila; nome de homem, sem o gerúndio do verbo "ir„. 2) Limpo; ama; nome masculino chinês. 3) Proeza levada a efeito por gatunos; corpo aeriforme. 5) Nociva; extracto. 6) Antiga nota... musical; espaço. 7) Jogo de azar; único. 9) O célebre Campeador; Peles Vermelhas do oeste dos Estados Unidos. 10) Anel; caminhavam; lá. 11) Discurso laudativo; ressonância.

VERTICAIS: 1) Membro das aves; protóxido de cálcio. 2) Pelos dos lanígeros; "muro„ em francês; zango. 3) Contracção de artigo (pl.) estonteia. 5) Rebate; grito de dor. 6) Pronome neutro em inglês; utensílio de trabalho. 7) Contracção de artigo; gotejaram. 9) Cadeias; tens. 10) Braço de rio; rezo; gavinha. 11) Claridade; adv. de afirmação.

DAYSIE & HERALVIR.

CHARADAS

Sincopadas

1 — A *cadeia* aperta e o preso *berra*. — 3-2.

2 — O *aparelho de fumador* usado pelos grandes detectives, tem um *extremo onde se agarra*. — 3-2.

3 — A *grilheta* que o detective pôs no criminoso deprime a *parte imaterial do ser humano*. — 3-2.

Correspondência dirigida a HERALVIR, Secção "CULTURA E RECREIO„, Redacção do "Notícias de Guimarães„).

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

VIEIRA DE MELLO

Casa fundada em 1898

ESCRITÓRIOS: **Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO** com **Armazens de Retem e Depósitos** (Area coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: **R. do Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903**

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA) (398

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell„, Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Um novo bairro

em S. Lourenço de Selho

A convite do empreiteiro e mestre de obras, sr. António de Macedo, foi-nos dado ensejo de poder admirar o novo bairro construido em S. Lourenço de Selho, num grupo de moradias de dez casas, e que foi mandado construir pelo nosso prezado conterrâneo e importante industrial, sr. Belmiro Mendes de Oliveira.

Belamente localizado e dotado dos indispensáveis requintes de conforto, o *Bairro Beatriz* impõe-se pelo que traduz de iniciativa particular — sempre louvável —, e, também, pelo benefício trazido a todos quantos se debatem com o gravíssimo problema de habitação.

Uma coisa atraiu a nossa atenção nestas construções: — os bons aposentos que as dividem, a iluminação eléctrica e a chaminé comum para cada grupo de duas moradias, para não esquecer o terreno reservado ao quintal de cada casa.

Soubemos, ainda, que a modicidade de renda não onera demasiadamente os encargos dos seus inquilinos, pelo que nos apraz registar com viveza o bom concurso emprestado a tão magno problema e os salutares propósitos de bem servir os interesses das classes menos abastadas.

Oxalá que este exemplo frutifique e parta da iniciativa particular a solução de certos problemas que, pertencendo ao Estado, de pronto este não pode encontrar.

Parabéns ao proprietário e ao empreiteiro de tão linda obra.

ALVARÀ VENDE-SE de 5 máquinas de malhas. 215

Falar na nossa Redacção.

MESTRE FIANDEIRO

Para fiação média e com longa prática, oferece-se, dando referências. Informa a Drogaria Garcia — Largo do Toural — Guimarães.

GRANDE CIRCO ALEGRIA

(SOCIEDADE DE ARTISTAS REUNIDOS)

INSTALADO NA PARADA DOS BOMBEIROS

HOJE — DOMINGO — HOJE

DOIS GRANDIOSOS ESPECTÁCULOS

MATINEÉE INFANTIL às 17 horas com entrada grátis às crianças, quando acompanhadas de suas famílias e **SOIRÉE** às 21,45 horas. 259

Êxito crescente de toda a Companhia, destacando-se

OS SETE TIGRES DO DESERTO — Troupe BEN ALI — ATLAS.

BEY, a maravilha do Século XX, o homem de borracha. **IRMÃOS CAMPOS**, «clows» parodistas musicais que o público aplaude com entusiasmo.

DOIS GRANDIOSOS ESPECTÁCULOS DESTA MONUMENTAL COMPANHIA.

Uma Carta

A propósito de uma correspondência de Vizela para o nosso jornal, recebemos a seguinte carta do Sr. Arquitecto Raúl Leitão:

Porto, 8 de Julho de 1949.

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»

Na «Carta de Vizela» inserta no último número do seu tão conceituado Jornal e sob o título *A César o que é de César e ao Sr. Aguiar o que é do Sr. Aguiar* dá o correspondente naquela Vila, do «Notícias de Guimarães», uma notícia relativa ao projecto do Hotel Sul Americano, que me obriga a vir pedir a V. ... um poucochinho de espaço para esclarecer o assunto, já que nele se discute o meu nome de Arquitecto.

Diz-se e desdiz-se nessa e numa outra notícia publicada que sou e não sou o autor daquele projecto. Não posso consentir na confusão estabelecida, pois não permito, em caso nenhum, que se me atribua autoria do trabalho alheio nem consinto também, seja a quem for, que se considere autor dos que forem da minha responsabilidade.

Assim, declaro:

Sou autor de um projecto de modernização do Hotel Sul Americano, projecto que me foi pedido pela sua Ex.ma Direcção, mas que não se encontra ainda realizado na sua totalidade. Quando fui convidado para esse trabalho, o Hotel estava já, de facto, em obras, mas não sei se em obediência a qualquer projecto anterior, se não.

Não posso, porém, crer que o houvesse. Certos pormenores dessas obras revelavam tal desconhecimento da técnica de construções hoteleiras, que nenhum arquitecto responsável as subscreveria, nem o Secretariado Nacional de Informação as aprovaria. A Ex.ma Direcção daquele magnífico Hotel corrigiu-as, porém, dando-lhe perfeita e adequada solução.

Dito isto, resta-me esclarecer que não tenho a honra de conhecer o Sr. Augusto de Aguiar, nenhum sentimento me move contra este Senhor, não só porque não o conheço, como disse, como ainda porque nunca invejei os triunfos profissionais de quem quer que seja que trabalhe nesta minha Arte de Arquitectura, mesmo como simples amador.

Todavia, se foi o autor de algum projecto para aquela obra creio que deve defender pessoalmente a sua legitimidade, tanto mais que o S. N. I., que é altamente competente sobre o assunto, deve ter dado sobre o seu projecto o seu parecer, cuja publicação dará inequivocamente a César o que a César pertence. Cabe-lhe pois, se não gostar de dúvidas, como certamente não gosta, a última palavra esclarecedora.

Muito grato a V. ..., Senhor Director, pela publicação destas linhas, sou com a máxima consideração

De V. ...

Raúl Leitão
Arquitecto.

VENDEM-SE

Quinta denominada do Ribeirinho, da freguesia de Santa Cristina de Longos, com o rendimento de 3 carros de medidas.

— Propriedade no lugar dos Ferreiros, da freguesia de Ronfe.

— Uma morada de casas nesta cidade.

— Outra morada de casas no centro da cidade.

— Uma quinta com rendimento de dez carros de medidas. 258

Para ver e tratar com *Martinho da Silva* — Guimarães.

Lêde e assinai o "Notícias de Guimarães„

CARTA DE VIZELA

Movimento

Vizela vive já a sua fase chic, a sua vida termal cheiinha de encanto, de luz e cor.

Os seus hotéis, Sul-Americano e Universal, com grande movimento e as pensões, Termas, Nacional, Aguia de Ouro, Bom Retiro, Central, etc., em igual vida, são a demonstração de que Vizela goza hoje como sempre do record de frequência entre as termas de Portugal.

Nestas noites de calor, a Rua Dr. Abílio, a sala de visitas de Vizela, lembra-nos um jardim dos mais floridos, tal a variedade de "toiletts„ e o número dos gentis veraneantes.

No Casino, na esplanada do Café Universal, no Café Novo, na frente dos hotéis e pensões, com os mais requiosos no Dr. Magalhães e na Universidade do lente Sr. João de Sousa, tudo ri, canta, critica e... mata o calor com as águas da moda ou com o precioso branco da região.

Para que na realidade se possa chamar a Vizela a central de Portugal como estância de cura e turismo, chega a ver, com olhos de ver, este movimento nocturno, a sua vida matinal, ou seja o tratamento no grandioso balneário e nas horas de maior calor e refúgio para o sempre lindo e frondoso Parque das Termas, com o seu colar maravilha, que é o poético rio Vizela.

Dentro de dias, uma magnífica orquestra dará início, no Casino, aos bailes, para assim se poder dar, como em plena fase, a vida das Termas de Vizela.

Não falta, disso me ia esquecendo, um pouco de graça, da piadinha fina, das boas anedotas, como numa homenagem ao amigo de sempre e que como nos outros anos se encontra no Universal, com sua esposa, Sr. Arnaldo Leite.

E' a vida em Vizela passada em velocidade, como nos sonhos, que nós gostamos não tivessem fim.

S. Bento

No passado dia 11 foi a festa mais querida da população vizelense.

Foi, pois, o dia grande da nossa Terra e a prestar homenagem ao nosso padroeiro. Foram muitos os milhares de vizelenses, de peregrinos, que subiram até junto da capelinha, no alto da montanha, que tem o seu nome e que ali foram levar as suas oferendas, as suas orações, em agradecimento pelos benefícios recebidos.

Foi o miradouro natural recebido por tantos e tantos devotos de S. Bento que mais uma vez se deleitaram no deslumbrante panorama, que dali se disfruta, prestando, também, homenagem ao querido patrono de Vizela.

Reinou a maior alegria e ordem.

Várias

Para a Póvoa de Varzim, partiu, acompanhado de sua esposa e filhinhos, o nosso bom amigo e gerente da Casa Lopes — Linhos, desta vila, Sr. João David Pedrosa.

— A fim de assistir à inauguração oficial do Hotel Sul-Americano, vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa, o Sr. Capitão António Torres, ilustre Director da Companhia dos Banhos de Vizela.

— Com igual intenção vimos os Srs. Eng.º Joaquim Bravo, Carlos Bravo e Manuel Fernando Bravo.

C.

TRABALHOS em todos os géneros

Minerva Vimaranense

Execução a preto e cor perfeita e rápida

REPRESENTAÇÕES

AFRICA ORIENTAL

ACEITAM-SE. 251

Notícias de Guimarães n.º 911-17-7-1949

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

AVISO

(2.ª publicação)

Tendo-se extraviado na cidade de Guimarães duas acções do valor nominal de 5$00 cada uma, com os números 649 e 656, emitidas pela sociedade cooperativa de responsabilidade limitada denominada «A Económica Vimaranense», com sede no Largo 28 de Maio, desta cidade, a favor de D. Lucinda Olímpia da Costa Rocha, moradora que foi nesta mesma cidade, sócia que foi daquela mesma sociedade cooperativa e que em testamento as deixou a seu sobrinho, Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, Advogado, da Rua da Raínha, desta mesma cidade, pelo presente aviso e nos termos da alínea a) do art.º 1.071 do Código do Processo Civil, se convida qualquer pessoa que esteja de posse das referidas acções a vir apresentá-las ao Juizo de Direito desta Comarca, onde corre o respectivo processo para a reforma dos mencionados títulos.

Guimarães, 1 de Julho de 1949.

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva.

O Chefe da 2.ª Secção,

Reinaldo Neto de Sousa.

Um corte de fato distinto encontra-o V. Ex.ª na Eva

IMPOSTO PARA INCÊNDIO

MANUEL DE CASTRO, residente em Selho (S. Cristóvão) — Pevidém, Agente das Companhias de Seguros «METRÓPOLE», «FIDELIDADE» e «SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS», avisa os Srs. Proprietários dos prédios urbanos, que, por motivo do praso ter sido prorrogado, ainda podem fazer os seus seguros ou actualizar os que já possuam, para entregar a declaração na Câmara Municipal a fim de, por essa maneira, evitarem o pagamento do IMPOSTO. 210

Para completo esclarecimento poderão dirigir-se ao mencionado Agente das Companhias em referência, o qual também se encarrega de efectuar seguros de todos os outros Ramos.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»